

CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO 1289 1290 – Ano 29; 4ª Semana Março 1ª Abril 2016.

Obama em Cuba e Argentina. Algo se acelera na nova ordem imperialista na América Latina.

JOSÉ MARTINS

Obama e Macri choram pela Argentina e jogam flores no Rio da Plata. Ninguém acreditou na sinceridade do ato. Para os cidadãos argentinos é uma provocação. Afinal, os mortos que jazem por debaixo daquelas águas foram assassinados e ali jogados há quarenta anos exatamente pelo conluio do Estado terrorista norte-americano de Obama e do exército de assassinos das classes proprietárias internas, das quais Macri é o mais lidimo representante. A finória dupla deveria pelo menos jogar as flores de avião. Pareceria mais realista. Afinal, onde agora esses dois filhotes da ditadura jogam flores é exatamente onde milhares de corpos de revolucionários assassinados foram jogados do alto por aviões do Estado terrorista.

O povo rememorou com sua própria forma o infausto 40º ano do golpe. Nenhuma organização popular ou de direitos humanos do país aceitou o convite para participar da farsesca visita dos dois presidentes ao *Parque de la Memória* – monumento erguido pelo povo argentino pelas vítimas assassinadas. Ao invés de participar da desfaçatez de Obama e Macri passeando cinicamente pelo *Parque de la Memória*, centenas de milhares de manifestantes marcharam e entupiram as largas avenidas que desembocam na Plaza de Mayo. Foi a maior de todas as manifestações já ocorridas a cada dez anos para rememorar o grande genocídio social iniciado em 24 de Março de 1976. Nestas condições desfavoráveis atuais, foi a melhor resposta possível à provocação de Obama ter desembarcado em Buenos Aires exatamente nesta data e, junto com Macri, tentar confiscar a política dos direitos humanos na Argentina.

Os movimentos se uniram na grande manifestação. “Todos sabemos o que queremos e o que não queremos. Voltamos a ficar juntos nas ruas, mas sem enfrentamentos, sem estar uns contra os outros, como em outros anos” diz um dos manifestantes. E conclui: “Obama e Macri visitaram o Parque da Memória para confiscar a política de direitos humanos mas não conseguiram pois os organismos populares, ao invés de comparecerem àquele espaço, compareceram em massa na Plaza de Mayo”. Se para o povo trata-se de manter acesa a memória do genocídio imperialista na Argentina, para Obama e Macri trata-se de fazer tabula rasa do passado. Macri declarou que a visita de Obama na data do golpe era uma oportunidade para a Argentina dizer “nunca mais violência política na Argentina, nunca mais violência institucional”. Em resposta a essa conversa para boi dormir responde com precisão outra manifestante na Plaza de Mayo: “Macri fala em violência institucional para caracterizar a ditadura. Mas violência

institucional é quando qualquer integrante do Estado comete um delito contra qualquer cidadão. Bem diferente, entretanto, é o terrorismo de Estado, uma organização em que o Estado ocupa um lugar central de uma política de extermínio”.¹

Outro manifestante complementa: “A manifestação de hoje recolocou a própria política e a história nos eixos, que são os eixos da memória tantas vezes invocada e que tantas outras vezes deve ser recolocada”. Essa memória de que os manifestantes falam é um caso especial na história dos últimos setenta anos na América do Sul. A memória de tal genocídio, iniciado quarenta anos atrás, não pode ser apagada ou confiscada pelos senhores do capital pois o mesmo processo material que o originou não foi nem interrompido como continua também se aprofundando. Não se trata de uma memória de alguma coisa ocorrida e terminada no passado, como querem Obama e Macri.

Em boletim anteriores² já observamos as bases materiais desse processo bastante especial que consistiu do longo extermínio das forças produtivas argentinas, formalizado politicamente pelo golpe militar de 24 de Março de 1976. Como salientamos em um desses boletins, trata-se da terrível fratura de uma economia com produtividade industrial semelhante à norte-americana (mais valia relativa) para abrupta latino-americanização da predominância da mais-valia absoluta.

*Podemos refletir que essa abrupta ruptura e fragilização industrial marca uma profunda diferença da história econômica e social da Argentina com as demais economias latino-americanas, particularmente suas duas maiores (Brasil e México), que nunca experimentaram nenhum grande período de desenvolvimento econômico (mais-valia relativa), como parece ter ocorrido com a Argentina até os anos 1960. Essa violência material não poderia realizar-se sem um correspondente desdobramento político e social. A partir de 1976, principalmente, implantou-se um terrorismo de Estado na Argentina que executou a sangue-frio o maior genocídio social do pós-guerra em um grande Estado moderno. Apoiado pelas inúteis classes dominantes internas, o ataque imperialista sobre a classe trabalhadora da Argentina quebrou as condições anteriores de desenvolvimento e organizou esse retrocesso da economia observado nos últimos quarenta anos. O genocídio militarizado sobre a sociedade ocorrido neste período foi, portanto, a expressão política adequada deste trabalho sujo de quebrar as pernas do país e impor a sua submissão real às novas cadeias globais de valorização do capital imperialista. Essa é a base da grande tragédia argentina atual. Destruíram o corpo e retiraram a alma da orgulhosa Argentina que sobreviveu até os anos sessenta. Completado o momento mais sinistro deste genocídio, o neopopulismo peronista de Menem e dos Kirchner legitima e procura administrar o aprofundamento da miséria e a paz dos cemitérios correspondentes às novas condições produtivas e sociais do país.*³

¹ Página 12, 25/Março/2016

² Dentre outros veja os boletins da Crítica Semanal da Economia “Argentina Argentina” e “Corrientes 348”, publicados na 3ª e 4ª Semanas de Fevereiro 2014.

³ Crítica Semanal da Economia- “Corrientes 348” – 4ª semana de Fevereiro, 2014.

O mais importante de tudo isso é que algo está mudando na nova ordem imperialista da América Latina. É claro que essa viagem de Obama à Argentina (do mesmo modo que a Cuba, na mesma semana) não foi só para propagar mensagens simbólicas de paz e amor ou alguma outra forma de falsa consciência da atuação do seu Estado terrorista no hemisfério. Quem tem massacrante poder econômico e militar não precisa desse tipo de perfumaria para impor sua dominação e seus novos desígnios para toda essa área dominada. Trata-se então de observar o que vem pela frente. Ou, melhor, o que os EUA imaginam que virá. Não só para Cuba ou para Argentina mas para todas as grandes economias industrializadas da área, particularmente o Brasil, a maior delas.

Algo se acelera na nova ordem imperialista da América Latina. Pelo menos um claro recado explicitado pelo duvidoso bom mocismo de Barak Obama em seu périplo por Cuba e Argentina. O que ele está dizendo é que para Washington a era das ditaduras militares estilo século 20 já é coisa realmente do passado. Não por uma questão de novos princípios morais, como ele discursa demagogicamente Obama, mas por absoluta necessidade. Acontece que aquela grosseira forma de defesa da democracia e do mercado é altamente insuficiente e absolutamente ineficiente para as novas e mil vezes mais aprofundadas condições de exploração do capital na periferia do sistema.

Não vai ter golpe. Sai o Estado autoritário, entra o Estado totalitário. Obama anuncia o Estado terrorista embalado para presente. Com garantia de fabricação contra antigos golpes militares. Bolsonaro nunca mais. A esquerda democrática brasileira agradece a Tio Obama. Sai a ordem política entra a pura ordem social na administração da luta de classes. Lei antiterrorista, gás pimenta e balas de borracha democráticas. A governabilidade fica mais viscosa. Os militares latino-americanos são reciclados. Já estão em fase avançada de conversão para suas novas funções de polícia militar. Sua função não será mais de governar mas de organizar a segurança da propriedade privada nacional e a repressão democrática sobre os trabalhadores. Aqui a burocracia militar tem maior utilidade ao capital. Emprego garantido. Tanto no complexo do Alemão como em Porto Príncipe. No Estado terrorista a segurança nacional se confunde com segurança hemisférica. A guerra é interna. Urbana. Monitorada. Operação pente fino permanente nos bairros operários. Câmeras em cada esquina. Os inimigos da ordem estão dentro de cada casa, em qualquer ruela do morro, em cada moto, em cada carro com uma ou duas pessoas diferentes. Os cidadãos tornam-se vândalos da civilização.

Obama diz aos argentinos que eles não devem temer a volta da “guerra suja”. Basta aceitarem as grandes reformas de Macri e de adaptação da economia nacional às novas cadeias produtivas globais. Trabalho de dia e de noite, longa jornada, sem férias, feriados, aposentadoria, seguro saúde. Salários indianos. Nada de sindicato ou coisa parecida. Se for pelego pode, claro. E serem obedientes às polícias pacificadoras. Não serem hostis como Milagro Sala, líder comunitária trancafiada pela polícia de Macri acusada de conspiração contra a ordem. Até o Papa Francisco, antigo linha dura e destacado colaborador da ditadura argentina, da tortura e dos assassinatos, mandou recentemente um rosário para Milacro. Obama nem tocou no assunto. Coisa do

democrático Macri. Tudo dentro da mais perfeita legitimidade da nova ordem social, por *supuesto*.

Acabou a guerra suja, agora a guerra é limpa. Os cidadãos argentinos não parecem muito gratos por esse belo regalo dos coleguinhas mais novos de Henry Kissinger. No final de extensa matéria sobre as virtudes da viagem imperial à Argentina (“*Obama Declassifies Documents Related to Argentina’s Dirty War*”, 24/Março/2016), o *The Wall Street Journal* descreve que “muitos defensores de direitos humanos na Argentina foram críticos à visita de Mr. Obama no aniversário do golpe, dizendo que isso pode ser visto como uma ‘provocação’. Eles se manifestaram quinta-feira para comemorar o aniversário [sic] e protestar contra o que eles chamam de apoio do EUA ao regime militar. Mr. Obama deixou Buenos Aires com sua família em direção da Patagônia, para um resort em Bariloche, pouco antes que se iniciasse a manifestação”.